

---

## A LÍNGUA QUE SE FAZ COMUNICAR: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

### Entrevista com Quintino de Oliveira

#### **Professor, fale sobre a sua história de vida e a relação com o rádio e a comunicação social.**

Eu estava no ginásio. Tinha aproximadamente doze, treze anos e morava em Tupanciretã. Um cidadão que era secretário do ginásio, criou um serviço de alto falantes e como eu era muito conhecido no colégio, por dizer poesias e por participar de festivais, ele me convidou para fazer um teste no alto-falante. Ele gostou da minha voz e logo eu comecei a trabalhar no serviço de alto-falantes. Mas este fato, já era a consequência de uma paixão antiga. Desde menino, eu me interessava muito pelos assuntos de rádio, embora nem tivesse rádio em minha casa. Isso é curioso, minha família não tinha rádio em casa e, mesmo assim, desenvolvi uma tremenda paixão por rádio que eu ouvia, eventualmente, na casa de outras pessoas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, que é um dos fatos mais remotos que recordo, e que mostra a força social do rádio, havia rotineiramente o momento em que o correspondente do Repórter Esso informava as notícias da guerra. No dia em que a Guerra acabou, em 1945, eu recordo que entrava a trilha característica da abertura do programa, e toda a vizinhança, quem estava na horta plantando, as donas de casa cuidando de seus afazeres..., soltaram seus aventais e seus guardanapos, saíram correndo e foram até uma das casas da nossa vila que tinha rádio. Naquele momento, todos ouviram a notícia que a guerra havia terminado e foi o testemunho de um dos fatos mais emocionantes da minha vida; até hoje me emociona (pausa na fala). Aliás, com o passar do tempo vamos envelhecendo e as emoções tornam-se mais afloradas.

Bom, tudo isso é para dizer que eu nutria uma paixão quase que inexplicável pelo rádio e pelo que ele representava.

Em 1958, fui levado a iniciar o trabalho em rádio profissionalmente, aqui em Santa Maria, na Rádio Santamariense. A partir daí, tudo que se referia ao rádio eu não só queria estudar como queria fazer, na prática. Na época, e durante todo meu percurso como jornalista de rádio, eu só não transmitia futebol, porque eu não gostava, como,

---

aliás, não gosto até hoje. Sou exceção. Talvez eu tenha perdido o interesse pelo futebol, porque meu pai não gostava e não queria que eu gostasse. Acabei sendo reprimido quando pequeno, já que meu pai não queria que as “peladas” com os amigos e guris da vizinhança tomassem o lugar do estudo, para ele indispensável. Enfim, meu aprendizado como jornalista deu-se na prática do rádio, e no interesse pessoal, fazendo cursos, buscando especialização aqui e ali. Com o passar do tempo e com a experiência adquirida, eu cheguei à posição de Presidente do Sindicato dos Jornalistas aqui da cidade e, na época, trabalhei junto ao Dr. Mariano da Rocha<sup>3</sup>, para mim a maior figura local do século XX, para que fosse criado um curso superior de Jornalismo. Naquele momento, a UFSM já tinha vários outros cursos e nós sentíamos a necessidade de ter um curso de comunicação para dar formação aos trabalhadores da área e aos jovens interessados em jornalismo como profissão. Então, eu, como representante do sindicato, fui conversar com o Dr. Mariano e, a partir dali, nós lutamos juntos para que um curso de Comunicação Social que, nós entendíamos como sendo de jornalismo, fosse criado.

Um tempo depois, o Dr. Mariano disse que ia anunciar uma novidade para todos nós. Ele convidou toda a imprensa de Santa Maria para um jantar de fim de ano e anunciou que no ano seguinte iria abrir o curso de comunicação na UFSM. Nós todos ficamos alvoroçados. Alguns dos meus colegas foram, inclusive, fazer inscrição para o vestibular. Eu, que paralelamente à profissão de comunicador de rádio, fazia a faculdade de medicina veterinária, estava muito envolvido com meus estudos e resolvi não fazer vestibular. Até por que eu tinha medo de não passar (risos).

Na verdade, naquele momento, eu pensava que não havia necessidade de fazer um curso de comunicação, pois eu acreditava que a criação do curso iria trazer eventos, palestrantes, cursos na área, e que usufruir destas atividades como aluno ouvinte seria igualmente produtivo para mim. Desta forma é que tenho minha história pessoal ligada diretamente com o curso de comunicação desde a sua fundação, tendo em vista que eu já possuía registro profissional como jornalista.

---

<sup>3</sup> O Professor Dr. José Mariano da Rocha foi o idealizador, fundador e o primeiro reitor da Universidade Federal de Santa Maria, primeira universidade federal do interior do Brasil. Dr. Mariano também foi o responsável direto pela criação do Curso de Comunicação Social da UFSM em 1971.

---

Posteriormente, o professor Antonio Abelin, o primeiro coordenador do Curso, precisou viajar para a Espanha para um curso e fui chamado para substituí-lo. Isso aconteceu uma, duas vezes e várias outras. Algumas vezes eu era chamado no Departamento de Medicina Veterinária, no qual eu já era professor de Saúde Pública, desde 1965, inclusive com mestrado na área, para proferir aulas e palestrar na Comunicação.

**Tendo em vista que a maior parte dos cursos de Comunicação Social, no Brasil, foram fundados nos anos 70, em um período de ditadura, qual era contexto de fundação do curso em Santa Maria? O que o senhor lembra daquele momento?**

Em primeiro lugar, o governo autoritário da época não tinha nenhuma simpatia por cursos de comunicação e muito menos por jornalistas. Então, criar cursos de comunicação dentro da Universidade era como criar um foco de discussão de assuntos que os militares não estavam interessados em discutir. Acho que, com isso, deixo bem claro porquê eles eram contrários à criação de cursos de comunicação no País. Já antes da criação do curso de comunicação na UFSM, os centros acadêmicos estavam sendo desmontados, porque eram considerados focos de agrupamento esquerdista, de comunistas. A palavra de ordem era “comunistas”. Nós tínhamos pessoas que eram verdadeiramente fanáticas, paranóicas em relação ao que consideravam comunismo. Só pensavam nisso. Viam “comunistas” em todo lugar. O que predominava era a idéia de que “comunista” era aquele sujeito que “comia criancinha”.

Os comunistas eram pintados como figuras infernais. Coisa que eu nunca vi, diga-se de passagem. Convivi com esquerdistas notórios da cidade e participei de movimentos nitidamente ligados aos ideais de esquerda. Posso, portanto, afirmar que nunca encontrei pessoas cruéis e que não fossem nacionalistas ou que não estivessem lutando por dias melhores. Inclusive, é fato que quebramos a cara inúmeras vezes, já que nem sempre estávamos no caminho correto. Mais tarde nós amadurecemos e descobrimos que poderíamos ter feito diferente. Mas isso faz parte da juventude. É batendo com a cara no chão que nós criamos olhos para enxergar melhor o mundo, a realidade.

O curso de comunicação surge, então, em um momento difícilíssimo, em que os professores tinham dificuldade, senão impossibilidade, de aprofundar discussões em temas nacionais de interesse político e

---

social, de segurança, etc. Os alunos, por sua vez, não se esquivavam em perguntar. Eles estavam angustiados, porque estavam recebendo impositivamente um movimento revolucionário, uma ditadura que eles, os jovens, ouviam dizer de muitos que era um verdadeiro horror. Porém, nem todos os alunos que freqüentavam a Universidade estavam suficientemente instruídos para saber exatamente o que era, do que tratava a ditadura e mesmo a ideologia de direita. No entanto, os alunos da comunicação sabiam, porque se tratava e trata-se de um aluno diferenciado, atento. Se assim não o fossem, estes alunos sequer fariam o curso de comunicação naquele período. Este perfil contestatório era visível. Havia professores daqui da Universidade que se negavam a dar aula na comunicação. Há casos de professores que saíam chorando das salas, porque o aluno de comunicação não perdoava. Ele questionava, exigia respostas, buscava o debate. Além disso, era sabido que pessoas do Exército faziam o curso apenas para espionar. Era preciso ter “jogo de cintura” e humildade, sobretudo, para dar aulas. Eu lembro que foi como eu consegui trabalhar naquele período.

**Fale mais sobre a relação entre professores e alunos em sala de aula? Os professores encontravam maneiras de barrar a censura que se instaurou, no uso da linguagem e da expressão, com o regime da ditadura?**

Veja bem, dependia muito do teor, da disciplina, do conteúdo a ser trabalhado em aula. Aqueles conteúdos teóricos é que suscitam mais discussões. Como eu fui trabalhar em uma área em que meu objetivo era mais técnico, já que eu me propunha a ensinar a fazer radiojornalismo. Minhas aulas eram focadamente práticas, já que eu era um dos poucos professores que tinha larga experiência com rádio. Lembrando que eu era do rádio e trabalhava como jornalista de rádio há mais de vinte anos. Então, eu não fui muito afetado por esse problema, volto a dizer, porque eu trabalhava em cima da realidade prática da disciplina.

Por outro lado, eu sentia a presença da censura nos colegas. Por exemplo, eu fazia um noticiário experimental na sala e, na época da revolução, nós não podíamos abordar diferentes temas de cunho político e social, então, o noticiário era inosso. Era assim que posso definir a produção que podíamos realizar.

Eu tenho uma experiência jornalística interessante para pensarmos nesta questão. Logo que depuseram o prefeito de Santa Maria (em

---

1964), à época, o Dr. Paulo Lauda, outro nome foi nomeado para substituí-lo: o de Dr. Francisco Alvares Pereira. Ambos eram médicos. O Dr. Lauda, um homem de esquerda. E o Dr. Pereira, que considero um homem neutro politicamente, no sentido de que nunca havia participado de movimento político algum. O Dr. Pereira era fazendeiro, certamente não era de esquerda, e mesmo tendo lá os seus valores, revelou-se um ótimo prefeito por ter conseguido, em um momento difícil, conduzir a cidade de forma equilibrada. Ele me convidou para ser assessor de imprensa da prefeitura em sua administração. Justo eu, que havia feito um discurso de formatura candente, polêmico, inclusive sob olhar atento do “policimento”, o que era comum em qualquer manifestação pública na época.

Estou citando este exemplo para explicitar como as coisas funcionavam naquele período. Muitos achavam que, já que nós tínhamos algumas posições de esquerda em determinado momento, já que nós defendíamos essas posições, já que nós acusávamos os militares em determinadas práticas que vinham sendo impostas; nós éramos estigmatizados como sendo contra tudo e contra todos os que estivessem envolvidos com o governo revolucionário. O que não era o meu caso.

No momento em que eu fiz o discurso de formatura, discurso escrito por mim com total liberdade; eu o fiz para os pais que estavam lá, para os professores que estavam lá, para os dirigentes da Universidade e os amigos íntimos que se faziam presentes. Não era um discurso direcionado à derrubada do governo, ou com objetivo de mobilizar esta ou aquela ideologia. No entanto, no bojo das palavras eu soube colocar posições definitivas.

Na ocasião, eu fui bombardeado pela esquerda festiva porque eu elogiei a reforma universitária que começava a ser feita. Porque antes era uma bagunça. Professor não tinha carreira. Ser professor, na época, era um “bico”. Ganhava-se mal.

Quando eu entrei na UFSM para lecionar, em 66, pagava-se muito mal. Só nos anos 70 nós começamos a ter algum respaldo e espaço para transformarmos o magistério de terceiro grau em profissão. Eu fui um dos que fez muitos discursos em defesa dos direitos dos professores, inclusive na presença do Professor Mariano da Rocha. Eu defendia que já era o momento de profissionalizar o ensino superior. Havia uma geração de professores que queriam sustentar suas famílias com dignidade e participar da produção de conhecimento da Universidade, com dedicação integral. Estava chegando na Instituição uma geração de professores que queria ser

---

professor universitário e apenas isso. Mas não o “apenas” no sentido pejorativo, diminutivo, mas sim como forma de compromisso e dedicação. Foi a nossa geração de professores que se mobilizou e gerou o que temos hoje na profissão.

Mas voltando a questão da repressão, o que eu lembro é que os professores que lecionavam disciplinas mais teóricas tiveram mais problemas. Quanto ao curso, eu sempre defendi que o que faz a diferença entre o profissional que não é formado em comunicação, como é o meu caso – que sou titular em comunicação, com registro profissional em jornalismo e publicidade, é a prática. Eu acredito que o profissional de comunicação é movido pelo interesse. Todavia, existem as disciplinas teóricas, que a maioria dos alunos não gosta, mas que fazem a cabeça dos profissionais da área, ou seja, dão a formação intelectual, reflexiva, que é o diferencial do profissional apenas técnico do profissional diferenciado, formado.

Eu sempre defendi que o comunicador precisa ser formado em uma das habilitações, porque o que se quer, no mercado, é um profissional que vá além da prática de leitura e escrita das notícias. Existe a necessidade de profissionais que sejam capazes de analisar com profundidade os fatos, o meio em que está imerso. Na minha opinião, é o que falta no mercado. Se observarmos, por exemplo, os comentaristas de jornais e televisão, são todos “coroas”. Cadê a nova geração? A juventude precisa assumir essas posições, sob pena de termos a extinção destes espaços de reflexão, de opinião, na mídia. Na época da revolução, o jornalismo opinativo não tinha futuro algum. Eu me escapava porque eu fazia um comentário diário na Rádio Imembuí e como não se podia falar nesses assuntos “perigosos”, eu falava muito sobre saúde, que é um tema sempre relevante e do qual tenho conhecimento. Todavia, o que vemos e ouvimos são “jornalistas” dizendo bobagem sobre assuntos sérios, por simples ausência de formação intelectual.

### **O senhor acha que o perfil do bom jornalista, do comunicador, ainda é o perfil generalista?**

Pela minha experiência eu acredito que sim. Por uma questão de sobrevivência no mercado, já que nem todos os veículos de comunicação possuem recursos pra manter jornalistas especializados, como se faz em países europeus em que, nos jornais, economistas escrevem sobre economia, os médicos sobre medicina e assim por diante. Os jornalistas são os “costureiros” de todos os assuntos, eles não precisam ir a fundo nas questões, mas

---

são profissionais capazes de detectar onde está a importância de trazer a público determinado assunto. Para isso faz-se necessária a chamada formação plural, que é própria do comunicador e está ligada à realidade em que vivemos. Isto porque o jornalista pode não entender profundamente de algum assunto que está em pauta, mas se o mesmo entender o suficiente para visualizar que lá existe algo que tem ou terá valor informativo, repercussão; aí está o perfil do bom jornalista.

Um exemplo é o tema da ecologia. Quando a mídia começou a falar deste assunto ninguém sabia bem o que era e como este assunto poderia impactar a vida das pessoas a médio e longo prazos. Hoje, as pessoas estão, sem querer e sem procurar, se especializando em ecologia. Portanto, o jornalista generalista é aquele capaz de identificar, em diferentes situações, o que tem importância social. E aí sim, sai em busca do especialista que sabe falar do assunto e pode prestar informações precisas e com conhecimento de causa.

**Levando em consideração que a comunicação se constitui, por essência, na e pela linguagem, e diante dos aspectos históricos que constroem a história do curso de comunicação da UFSM, como o senhor vê a relação língua – comunicação - mercado?**

A primeira coisa que me preocupa é que os veículos de comunicação de Santa Maria pouco absorvem os jornalistas notáveis formados aqui. Vemos estes profissionais em Brasília, em São Paulo e por toda parte, mas na cidade de Santa Maria vemos poucos jornalistas formados em nosso curso. E acho que isto se deve a uma razão elementar, já que o forte na cidade foi, na área de comunicação, o rádio. E como o rádio teve uma derrocada significativa, a partir dos anos 70, com o surgimento da televisão, isto repercutiu na busca por profissionais da área. Deste modo, mesmo tendo inúmeras vantagens em relação à televisão, como a mobilidade e a instantaneidade. Infelizmente, o rádio não soube reagir e foi se apagando aos poucos. O jornalismo impresso, durante muito tempo, existiu na cidade na presença de apenas um veículo. Agora, temos dois veículos impressos diários na cidade, mesmo assim a maioria dos profissionais que trabalham nessas mídias são de outras localidades do Estado e do País.

Se observarmos a programação radiofônica da atualidade, perceberemos que é quase inexistente o número de profissionais formados na área de comunicação encabeçando a programação. Os veículos se defendem afirmando que a contratação de jornalistas

---

requer recursos financeiros que o rádio não possui, portanto, nenhum dos apresentadores de rádio de hoje têm formação em comunicação.

Mesmo assim, eu acho que o curso de comunicação, com toda a sua gama de disciplinas, fornece conteúdo ao profissional e este conteúdo intelectual dá a oportunidade ao alunos de tornarem-se profissionais de ponta para buscar emprego em veículos de prestígio.

É preciso deixar claro que, na minha época, em que não tínhamos faculdade, havia muitos profissionais autodidatas que buscavam conhecimento por conta própria e fizeram-se grandes profissionais.

### **Qual a importância da linguagem para o papel social da comunicação?**

Eu acho que a linguagem é tudo. É preciso que haja especificidade da linguagem. As pessoas precisam conhecer as formas de chegar ao entendimento do outro. E isso não se aprende em gibi, é preciso estudar, buscar na academia e no meio social a melhor forma de atingir o outro. A linguagem, a forma de se comunicar é a maneira que temos de entrar nas pessoas e fazer diferença em suas vidas.

Quando eu comecei a lecionar, como eu tenho 70 anos e li muito na minha juventude, eu tinha um vocabulário, muitas vezes, um tanto rebuscado. À medida que dava aulas, no convívio direto com os alunos, eu via, em suas expressões, que não estava sendo compreendido. Era quando eu percebia que precisa repensar o uso da linguagem, adequar “a maneira de dizer” aos alunos.

Vou dar um exemplo histórico do que estamos falando. Em 1958, trabalhava conosco Paulo Brasil, o profissional que redigia o noticiário local. Era o melhor redator de noticiário que nós tínhamos à época na Rádio Santamariense. Anos após a aposentadoria de Paulo Brasil, foi inaugurada a Rádio Cultura FM, um veículo que nasceu praticamente dentro da Rádio Imembuí, com um projeto de programação diferenciada, considerada de elite. Paulo Brasil, reconhecido por sua experiência e sagacidade jornalística, foi chamado a redigir o noticiário da Rádio. No entanto, nos primeiros momentos de seu desempenho como redator de notícias, ele deparou-se com uma realidade de linguagem que já se fazia distante dos termos com os quais ele se habituara no passado. Os termos rebuscados machadianos não eram compreendidos pelos ouvintes. Houve uma barreira da língua na comunicação.



---

Este é um exemplo clássico para atentarmos da importância da linguagem atualizada. O comunicador precisa estar atento, é preciso ir buscar na linguagem comum, na linguagem da juventude as expressões que são incluídas na língua em uso. Quem faz a língua é o povo.

Durante o período revolucionário, nosso lema era: *Mantenha a sua platéia*. Nunca faça um discurso inflamado a ponto de, no dia seguinte, ser banido das relações das pessoas para quem deseja falar.

Eu, em uma ocasião, quando participava do primeiro congresso de professores universitários em Fortaleza, juntamente com professor Arlindo Mayer, testemunha viva desse episódio, fui efusivo na defesa dos direitos da profissionalização dos professores universitários. Eu acreditava que o governo precisava dar condições para que os professores fizessem pós-graduação, por exemplo.

No último dia, nomeamos um jovem professor de Minas Gerais que era uma promessa, tinha boas idéias, discursava muitíssimo bem, para falar em nosso nome na presença do Secretário Geral do MEC, professor Nilton Sucupira. Mais tarde, no plenário, o rapaz, tomado pelo ímpeto de mudar o mundo, fez um discurso inflamado e polêmico; audaz em demasia para a época. À noite, na hora do jantar, os organizadores do congresso vieram até nós, tendo em vista que estavam ali os integrantes das associações de professores do todo o País, e ordenaram que precisaríamos trocar o nosso representante, pois o nosso porta-voz havia sido censurado e não mais poderia discursar publicamente. Os espões do Governo queriam banir a presença dele. Naquele momento eu fui escolhido para discursar em nome de todos, tendo como premissa fazer um discurso moderado, ao mesmo tempo, que sensível às nossas necessidades. Nesta situação, formulamos, em conjunto, um discurso moderado, mas com as idéias que nos uniam. A tarefa não foi fácil, mas necessária. A partir deste episódio eu jamais esqueci que é preciso manter a platéia, assegurar a tribuna. Bom discurso sem platéia é nada!

### **Como o senhor vê, nos dias atuais, o papel dos cursos de comunicação na formação dos jovens que cresceram neste contexto de comunicação de massa e de caráter comercial da informação?**

Em primeiro lugar, o que move a comunicação, atualmente, é o fascínio pela televisão. O rádio, hoje, vive do fato de ser uma mídia

---

barata em termos comerciais. Ao mesmo tempo, eu acredito que o excesso de publicidade estraga a mobilidade, o dinamismo e a liberdade do rádio.

Com relação aos cursos, eu acredito que as faculdades de comunicação precisam reformular seus programas e currículos com base em parâmetros não só acadêmicos, mas também de mercado. É preciso ouvir os alunos e suas necessidades, o empresário atuante, os profissionais que estão trabalhando e quais foram suas dificuldades para ingressar no mercado, além de ouvir os profissionais de outrora e suas experiências. Para mim este é o caminho: rever o processo de formação e adequá-lo aos novos tempos.

---

## SOBRE O ENTREVISTADO

Quintino Corrêa de Oliveira nasceu em 1938, em Toropi, uma das três vilas que compunham o município de Tupanciretã. Desde cedo, percebeu-se afeito e tomado por um encantamento ímpar pelo aparelho que, através de ondas eletromagnéticas, fez-se difusor de entretenimento e de informação; de voz social e de pilar fundador do que conhecemos hoje como mídias eletrônicas e seus novos veículos.

A radiodifusão começa a se estabelecer no Brasil a partir da década de XX e, até os anos 50, houve uma crescente proliferação de rádios AM em todo o País.

Quintino de Oliveira, já residente em Santa Maria, começa sua carreira de radialista profissional, em 1958, na Rádio Guarathan. Ele foi um dos fundadores da emissora de rádio e, posteriormente, da TV Imembuí. Atuou como radiojornalista nas Rádios Santamariense e Cultura FM. Fora do eixo regional, Quintino de Oliveira trabalhou, ainda, na rádio Educativa, em Brasília, onde ajudava a produzir e gravar programas de cunho jornalístico e informativo.

Anterior (desde 1965) e paralelamente à carreira de radialista, Quintino trabalhou como professor do Departamento de Medicina Veterinária da UFSM, onde obteve formação universitária e se tornou Mestre, lecionando em disciplinas direcionadas a questões de saúde pública.

Com a criação do Curso de Comunicação Social da UFSM, em 1971, e já tendo acompanhado o transcorrer do processo de criação do curso e a luta determinada do então Reitor, Prof. Dr. José Mariano da Rocha, Quintino é convidado a dar aula de Radiojornalismo e assim o faz por mais de 15 anos. Das memórias, retoma a realidade de repressão efetiva que fez parte da nossa história e a paixão por sua carreira como jornalista e professor.

Atualmente, Quintino de Oliveira está aposentado e reside em Santa Maria. Sempre disposto e dado a uma boa conversa, é possível encontrá-lo, todas as tardes, na Galeria Chami, degustando um café expresso enquanto usufrui da companhia dos velhos amigos.